

# REESTRUTURAÇÃO E CENTRALIDADE: BREVES NOTAS SOBRE A CIDADE DE JOÃO PESSOA

**Josineide da Silva Bezerra**

Historiadora, Mestre em Geografia pela UFPB e Professora Substituta da Universidade  
Estadual da Paraíba<sup>1</sup>

**Luciana Medeiros de Araújo**

Geógrafa, Mestre em Geografia pela UFPB e Professora Substituta da Universidade  
Estadual da Paraíba<sup>2</sup>

## Introdução

Neste texto, desenvolvemos uma reflexão acerca da cidade de João Pessoa, voltando-nos aos novos padrões de centralidade que nela se realizam, os quais exercem influências na sua reestruturação urbana, a partir de mudanças verificáveis no papel ou nas funções do seu centro tradicional. A escala intra-urbana compõe o nosso referencial, por meio da qual enfatizamos estratégias de consumo traçadas por agentes produtores do espaço urbano aqui recortado, sejam esses agentes públicos ou privados.

A nossa leitura esteve ancorada em um olhar que buscou reconhecer e registrar a paisagem urbana, estando atento à disposição e às redefinições dos *fixos e fluxos* que essa paisagem comporta. Portanto, buscamos os seus resíduos históricos: as rugosidades<sup>3</sup> de uma cidade quatrocentenária, com suas ruas, equipamentos e monumentos, com a distribuição espacial de suas moradias. Rugosidades que possibilitam uma leitura das diferentes temporalidades e especificidades da produção/reprodução do seu espaço intra-urbano.

---

<sup>1</sup> Contato: prof.neide@uol.com.br.

<sup>2</sup> Contato: araujilm@uol.com.br.

<sup>3</sup> Para Milton Santos (2002: 40) as rugosidades dizem respeito àquilo que "fica do passado como forma, espaço construído, paisagem", estando inscritas na materialidade da cidade.

Um espaço que comporta novas configurações, as quais, sobrepostas aos seus resíduos históricos, nos convidam a pensar os vários caminhos trilhados pela cidade no decurso da sua expansão e aguçam o nosso olhar quanto à sua história, na qual estão inscritas a evolução e a composição das suas formas-conteúdos. Daí, então, um olhar que se emociona, a partir do qual poderíamos concluir: “a cidade deu às costas ao rio que lhe serviu de nascedouro – encantou-se com o canto das ondas” (Vídeos Para’iwa, 1995).

A importância do debate quanto às novas centralidades está relacionada aos impactos que as mesmas impõem ao cotidiano das pessoas e à estrutura interna das cidades, a exemplo da necessidade de abertura e ampliação de novas vias de circulação. Por isso, consideramos a pertinência de estudos que busquem semelhanças e diferenças na dinâmica intra-urbana verificável nas mais diferentes cidades brasileiras (SPOSITO, 2001).

Ao fitarmos as tramas citadinas de João Pessoa, orientamo-nos a partir de abordagens sistematizadas por Villaça (2001), muito embora esse autor aprecie as principais metrópoles do país, por intermédio das quais analisa a dinâmica que norteia os seus padrões de centralidade. A rigor, portanto, esses estudos não deveriam ser tomados como referenciais. Entretanto, à luz desse estudioso, voltando-nos às categorias que ele evidencia, como centralidade, centros urbanos ou segregação, admitimos que seja possível contribuirmos com o debate acerca de novas centralidades quanto a pequenas ou médias cidades – entre as quais incluímos João Pessoa<sup>4</sup>.

Motivadas por esse intuito, construímos o nosso texto sob o entendimento de que a cidade é uma espacialidade cartografável, a qual pode ser apreendida como uma paisagem que “se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providos de um conteúdo técnico específico” (SANTOS, 2002: 103). Em um dado espaço urbano, marcado por ritmos e ambiências peculiares, a sociedade interfere nessas formas-objetos, atribuindo-lhes novas funções e novas formas.

Portanto, compreendemos a cidade como um produto social, revestido de historicidade. Igualmente, a reconhecemos como condição para a realização de diferentes ações socioeconômicas, as quais delineiam os padrões de produção,

---

<sup>4</sup> As cidades médias podem ser pensadas, por exemplo, a partir da disponibilidade de seus serviços e equipamentos urbanos, desempenhando papéis intermediários na rede urbana regional (SPOSITO, 2004).

circulação e consumo nela vivenciados, relacionados à lógica de um dado sistema produtivo, no caso, o capitalismo. Não obstante, para além dessa lógica, tais ações revelam, também, as “singularidades da vida humana”, como assinala Trindade Júnior (2001: 152).

Quanto a João Pessoa, a (re)produção do seu espaço intra-urbano será pensada por meio de dois tempos. O primeiro voltar-se-á à sua gênese, em meio ao processo de colonização do país, a partir do século XVI. O segundo estará voltado à fase de aceleração da industrialização brasileira, notadamente a partir da segunda metade do século XX, quando novas práticas socioespaciais passaram a contornar a sua dinâmica urbana.

### **João Pessoa: entre centro tradicional e novas centralidades**

O núcleo inicial da cidade de João Pessoa remonta à fundação da Capitania Real da Paraíba, efetivada no final do século XVI, como mecanismo para garantir a conquista do litoral setentrional das terras coloniais, indo-se além das fronteiras da Capitania de Pernambuco. Inscrita no processo de expansão mercantil européia, quando da colonização do Brasil, apresenta uma singularidade em relação às demais capitais litorâneas: foi edificada distante do mar, a partir da margem direita do rio Sanhauá, no estuário do rio Paraíba – caminho tomado pelos portugueses no processo de conquista do território.

Esse núcleo distribuía-se em meio a uma topografia irregular, formada por dois compartimentos: a *Cidade Baixa*, que ocupava um pequeno trecho da várzea direita do Rio Sanhauá, e a *Cidade Alta*, estendida por sobre o Baixo Planalto Costeiro. Na então batizada Filipéia de Nossa Senhora da Neves<sup>5</sup>, os primeiros equipamentos comerciais, religiosos, residenciais e administrativos foram instalados, modelando o seu tecido urbano e as suas estruturas socioespaciais, marcadas pela precariedade dos equipamentos, pela modéstia das construções e pelo traçado tortuoso de suas ruas (MAIA, 2000).

---

<sup>5</sup> No decorrer de sua história, João Pessoa já apresentou outras diferentes designações: Nossa Senhora das Neves, Filipéia de Nossa Senhora da Neves, Frederica e Parahyba. O nome atual lhe foi atribuído em 1930.

Com um crescimento urbano lento, durante mais de três séculos, a cidade de João Pessoa manteve seu pequeno tecido urbano circunscrito ao sítio original, sendo assim descrita por Aires de Casal, no início do século XIX:

Cidade medíocre, aprazível, populosa (...), sobre a margem direita, e três léguas acima da embocadura do rio (...), ornada com casa de misericórdia e seu hospital, um convento dos Franciscanos, outro de Carmelitas, terceiro de Beneditinos (...), cinco ermidas (...), dois elegantes chafarizes de boas águas. (CASAL, 1976: 275).

Até o final do século XIX os seus limites urbanos praticamente se restringiam à *Cidade Baixa* e à *Cidade Alta*, as quais compunham uma cidade que se desenvolveu sob um padrão comum a diferentes cidades coloniais. À chamada *Cidade Baixa* foram reservadas as atividades comerciais, a partir das quais foi sendo contornado o que veio a ser o centro tradicional de João Pessoa. Já a *Cidade Alta* foi configurada como espaço de instalação das instituições religiosas e de moradia, ocupada por um segmento mais seletivo da população. Juntas, essas duas áreas nos remetem à chamada *Cidade Tradicional* (MAIA, 2000).

Destaquemos que é a partir dos padrões de produção, circulação e consumo no/do espaço que uma área da cidade torna-se central. Logo, a dinâmica que delinea esses padrões tem repercussão direta na realização do caráter de centralidade dessa área. Portanto, o centro de uma cidade é moldado na medida em que é ocupado como local de vivência cotidiana por uma comunidade/sociedade: "será um conjunto vivo de instituições sociais e de cruzamento de fluxos de uma cidade real" (VILLAÇA, 2001: 238).

Daí o Varadouro, na *Cidade Baixa*, a partir do seu porto, da alfândega e da estação de trem, ter abrigado o centro comercial tradicional ou principal de João Pessoa. Nele, merece destaque a Rua das Convertidas – atual Maciel Pinheiro, onde encontramos, inclusive, o imponente prédio da Associação Comercial do Estado. Consumindo-se esse espaço, foi configurada a expansão da cidade.

Essa lógica, como um vetor, ao longo do século XX, foi imprimindo novos movimentos, novos ritmos, ampliando-se o centro comercial, chegando à *Cidade Alta*. Uma ampliação que esteve relacionada a intervenções públicas, como a urbanização do Parque Sólon de Lucena (Lagoa) e a abertura de novas vias de circulação, as quais impulsionaram a ocupação de áreas vizinhas ao núcleo

inicial. Nessas duas porções, reconfigurou-se o centro tradicional da cidade, quanto ao qual, trazemos a imagem a seguir.



Foto 01. Padrão construtivo e serviços oferecidos Centro Tradicional. Foto: Josineide Bezerra, set 2007.

Nos últimos trinta anos, contudo, observamos uma intensificação do deslocamento da população de maior renda para áreas mais “distantes”, as quais passaram a abrigar bairros residenciais, especialmente localizadas na orla ou em suas proximidades. Esse deslocamento imprimiu novas dinâmicas na ocupação do centro tradicional, tendo rebatimentos na sua gradativa transformação.

Até então, este centro apresentava uma maior dinâmica urbana, sob a convergência de um grande fluxo de pessoas, em busca dos mais diversificados e sofisticados serviços. Nele, encontrávamos os principais cinemas, restaurantes, hotéis, magazines, estabelecimentos de ensino, escritórios e consultórios de profissionais liberais. Era, também, um lugar de moradia, sobretudo da classe média, a qual se servia de tais serviços, ou seja, se servia do centro da cidade.

Segundo Villaça (2001), a tendência ao “abandono” do centro, verificável nas diferentes metrópoles brasileiras, ganha forma quando os segmentos mais abastados entre os cidadãos já não lhe têm como itinerário, seja para o trabalho,

para o consumo de serviços ou para o lazer. Com efeito, identificamos esse abandono do centro tradicional de João Pessoa, apesar dessa área ainda ser um espaço de moradia – mesmo que limitadamente e sob um perfil mais popular – e manter um perfil comercial.

Centro que é, também, via de acesso à rodoviária e via de circulação para a maioria das linhas de ônibus que trafegam na cidade. Isso é mais expressivo no Varadouro, onde encontramos várias edificações fechadas, mal conservadas ou abandonadas, revelando uma imagem de desgaste efetivo daquele espaço. Em tempo, lembramos que a Prefeitura Municipal, recentemente, mudou de endereço e não mais está ali instalada.

Inscrito na dinâmica que reorienta a ocupação do espaço intra-urbano, esse movimento de abandono do centro tradicional pode ser analisado a partir das práticas espaciais que reestruturam a cidade, como a fragmentação e a segregação. Esta última pode ser definida como “um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes *regiões gerais* ou *conjuntos de bairros* na metrópole”, afirma Villaça (2001: 142, grifos do autor), ressaltando, ainda, que é possível tipificar a segregação a partir do par dialético centro-periferia.

Ainda segundo o referido autor, a diferenciação deste par, especialmente quando a metrópole é o espaço de análise, evidencia-se pela melhor qualidade e maior disponibilidade dos serviços urbanos públicos e privados existentes no centro. A periferia, por seu turno, é marcada pela precariedade de seus equipamentos e serviços, bem como pela maior distância em relação às áreas mais centrais.

Apesar de ser entendida como uma cidade média, é possível pensarmos essa prática espacial em relação a João Pessoa. Para tanto, é necessário que cheguemos a um segundo tempo, quando a cidade passou e ainda passa por um processo de adensamento populacional, com repercussão direta, mas não apenas por isso, sobre a extensão do seu tecido urbano. O seu crescimento é vivenciado na esteira do processo de industrialização e modernização produtiva que marcou todo o país, a partir da segunda metade do século XX, especialmente as suas capitais.

Nesse contexto, de acordo com Maia (2000: 36), a população da cidade cresceu a uma média de 50% a cada década – um crescimento que repercutiu

junto às relações cidade-campo, com evidentes implicações quanto ao lugar de moradia das pessoas. Éramos 95.953 habitantes em 1950 e passamos a 497.599, em 1991 – os dados desse ano indicam que mais de 43% desses habitantes não são naturais do município. O Censo 2000 indica uma população de quase 600 mil habitantes (IBGE, 2000).

Portanto, entre migrantes, bondes, pontes e avenidas, a cidade vai se espraiando, sob novos padrões produtivos, acostados a políticas públicas urbanas que privilegiam a lógica do capital. Uma urbanização relacionada a interesses de grupos econômicos que se apropriam seletivamente do espaço da cidade, segregando-o. Assim, João Pessoa se expande, de forma contínua ou descontínua, para áreas periféricas ao seu centro tradicional.

De modo mais expressivo, essa expansão é impulsionada por ações combinadas entre o Estado e as grandes corporações privadas, como as incorporadoras, as construtoras e os agentes imobiliários. Assegura-se, pois, a implantação de equipamentos de infra-estrutura e de atributos seletivos que definem os valores de uso e de troca de novas áreas – a exemplo das avenidas Epitácio Pessoa e Beira Rio, que cortam a cidade de oeste a leste; e do Anel Rodoviário, que facilita a circulação para as cidades e estados circunvizinhos.

Reconhecemos que a estruturação das vias de circulação exerce um poderoso papel na produção do espaço intra-urbano, porque elas são imprescindíveis aos deslocamentos e à acessibilidade dos indivíduos aos mais diferentes locais de moradia, de trabalho e de consumo. Por isso, resgatamos Villaça (2001: 21): “a estruturação do espaço intra-urbano é dominada pelo deslocamento do ser humano, enquanto portador da mercadoria força de trabalho ou enquanto consumidor”. O autor chama atenção, igualmente, para o fato de que é o transporte de pessoas e não o de mercadoria, que torna o espaço intra-urbano mais heterogêneo.

Assinalemos, ainda, que os anos sessenta e seguintes vão ser marcados pela construção dos conjuntos habitacionais, os quais tomaram diferentes direções, principalmente para o sudeste – efetivados por intervenções públicas, financiados por meio de recursos governamentais. Essas intervenções contribuíram para estender o tecido urbano, descentralizando a sua ocupação, promovendo-se a realização do que Maia (2000) chamou de *Cidade Modernizada*

– uma cidade marcada pelo estigma da complexidade, cujas diferenças socioespaciais se tornaram cada vez mais evidentes.

A *Cidade Modernizada* – imagem contemporânea – é permeada por essa dinâmica, sendo por ela modelada. Nesta cidade, o que se convencionou chamar de periferia ganha novos contornos, sob a marca da heterogeneidade e da descentralização, o que nos leva a uma periferia que compõe novas estruturas de concentração, num processo que envolve, ao mesmo tempo, complexidade e contrastes, contradições. Com efeito, afirma Sposito:

É a natureza dessa trama urbana distendida, de densidades múltiplas – que combina concentração com descentralização, localizações com fluxos, imóveis com acelerados e diversos ritmos de mobilidade no interior dos espaços urbanos – que redefine o par centro-periferia, a partir da constatação de que há várias centralidades em definição e diferentes periferias em constituição. (SPOSITO, 2001: 89).

Nesse curso, novas centralidades são constituídas, impulsionadas pela expansão urbana, bem como por diversos atributos seletivos, definidores das formas de consumo e de apropriação dos diferentes espaços intra-urbanos. A partir destas formas, é possível assinalarmos duas dinâmicas paralelas e articuladas entre si, que conferem às cidades uma feição multicêntrica e/ou policêntrica (SPOSITO, 2004).

Voltando-se a cidades médias, essa estudiosa considera que a feição multicêntrica está associada ao

aumento do número de áreas centrais, em função do aparecimento e multiplicação de subcentros (já que as cidades estão mais extensas e descontínuas territorialmente), de eixos comerciais e de serviços especializados ou não e de *shopping centers* (SPOSITO, 2004: 375).

De outro modo, nesse mesmo texto, a referida autora associa a feição policêntrica à estratificação social e ao perfil do consumidor, considerando não somente o seu poder de compra, mas também o meio de transporte, particular ou coletivo, por ele utilizado em seu deslocamento.

Pensemos essas duas feições em relação a João Pessoa.

A multacentralidade poderia ser associada à periferia sul, modelada por meio dos grandes conjuntos residenciais, entre os quais chamaríamos atenção para Mangabeira. Com uma população aproximada de 70 mil habitantes (IBGE, 2000), esse conjunto apresenta-se como área de expansão, com uma grande diversificação da atividade comercial e de serviços no contexto da cidade.

Essa diversificação está relacionada aos bancos, mercados, escolas, supermercados, cartórios, fóruns, clínicas e hospitais existentes em Mangabeira. Tais equipamentos atendem as demandas mais cotidianas não só dos seus moradores, mas também dos bairros circunvizinhos. Por isso mesmo, é possível destacarmos essa área como um subcentro – categoria que, segundo Villaça, corresponde a uma

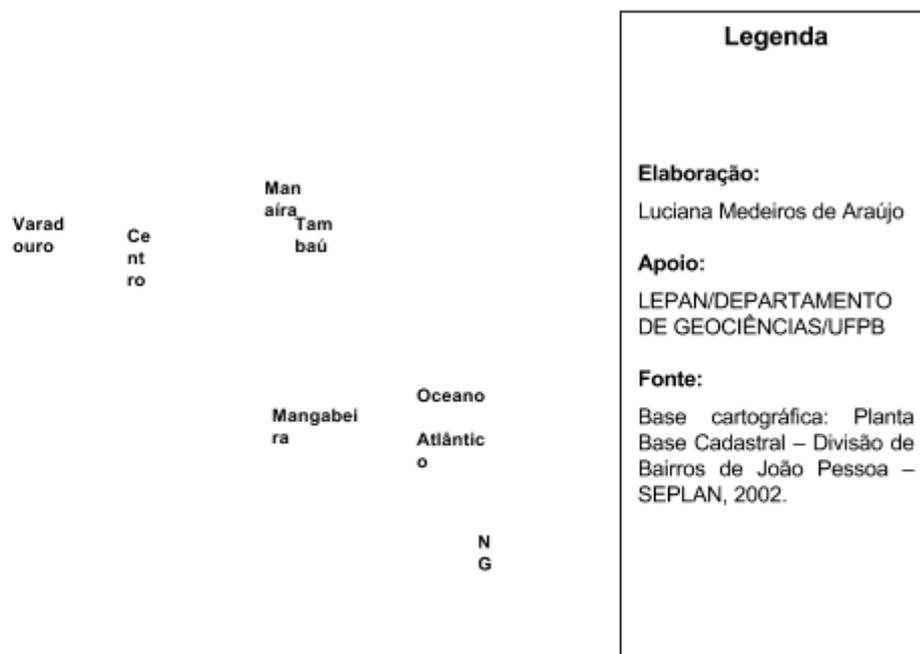
réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar [...] A diferença é que o subcentro apresenta tais requisitos [aglomerações diversificadas e equilibradas de comércio e serviços] apenas para uma parte da cidade, e o centro principal cumpre-os para toda a cidade (VILLAÇA, 2001:293).

Desse modo, Mangabeira desempenha um papel complementar de centro de atividades socioeconômicas em relação ao centro principal da cidade. Algumas das empresas nele instaladas são filiais de grandes lojas comerciais e de serviços, cujas matrizes estão localizadas nas áreas centrais e valorizadas de João Pessoa, tais como: Unimed, Lojas Maia, Thiago Calçados, Armazém Paraíba, laboratórios de análises clínicas, como o Maurílio de Almeida, ou cursos de inglês, como o CCAA.

Por outro lado, quanto à policentralidade, realizada sob uma forma mais segmentada, ordenada por e para determinadas parcelas da população, atendendo um padrão de consumo mais seletivo, destacaríamos o litoral norte de João Pessoa, a partir dos bairros de Tambaú e Manaíra – os quais estão intensamente interligados, sendo tomados como exemplares neste texto.

A seguir, apresentamos a figura 01, na qual, por meio da divisão de bairros da cidade, recortamos a área que identificamos como centro tradicional e as áreas representativas de novas centralidades em João Pessoa.

## Novas centralidades em João Pessoa



**Figura 02. Recorte do centro tradicional e de novas centralidades na cidade de João Pessoa (PB).**

Apresentamos, em seguida, uma seqüência de fotografias dos bairros de Manaíra e Mangabeira, as quais compõem uma representação do padrão construtivo e dos serviços oferecidos nessas áreas da cidade.

5  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100  
101  
102  
103  
104  
105  
106  
107  
108  
109  
110  
111  
112  
113  
114  
115  
116  
117  
118  
119  
120  
121  
122  
123  
124  
125  
126  
127  
128  
129  
130  
131  
132  
133  
134  
135  
136  
137  
138  
139  
140  
141  
142  
143  
144  
145  
146  
147  
148  
149  
150  
151  
152  
153  
154  
155  
156  
157  
158  
159  
160  
161  
162  
163  
164  
165  
166  
167  
168  
169  
170  
171  
172  
173  
174  
175  
176  
177  
178  
179  
180  
181  
182  
183  
184  
185  
186  
187  
188  
189  
190  
191  
192  
193  
194  
195  
196  
197  
198  
199  
200  
201  
202  
203  
204  
205  
206  
207  
208  
209  
210  
211  
212  
213  
214  
215  
216  
217  
218  
219  
220  
221  
222  
223  
224  
225  
226  
227  
228  
229  
230  
231  
232  
233  
234  
235  
236  
237  
238  
239  
240  
241  
242  
243  
244  
245  
246  
247  
248  
249  
250  
251  
252  
253  
254  
255  
256  
257  
258  
259  
260  
261  
262  
263  
264  
265  
266  
267  
268  
269  
270  
271  
272  
273  
274  
275  
276  
277  
278  
279  
280  
281  
282  
283  
284  
285  
286  
287  
288  
289  
290  
291  
292  
293  
294  
295  
296  
297  
298  
299  
300  
301  
302  
303  
304  
305  
306  
307  
308  
309  
310  
311  
312  
313  
314  
315  
316  
317  
318  
319  
320  
321  
322  
323  
324  
325  
326  
327  
328  
329  
330  
331  
332  
333  
334  
335  
336  
337  
338  
339  
340  
341  
342  
343  
344  
345  
346  
347  
348  
349  
350  
351  
352  
353  
354  
355  
356  
357  
358  
359  
360  
361  
362  
363  
364  
365  
366  
367  
368  
369  
370  
371  
372  
373  
374  
375  
376  
377  
378  
379  
380  
381  
382  
383  
384  
385  
386  
387  
388  
389  
390  
391  
392  
393  
394  
395  
396  
397  
398  
399  
400  
401  
402  
403  
404  
405  
406  
407  
408  
409  
410  
411  
412  
413  
414  
415  
416  
417  
418  
419  
420  
421  
422  
423  
424  
425  
426  
427  
428  
429  
430  
431  
432  
433  
434  
435  
436  
437  
438  
439  
440  
441  
442  
443  
444  
445  
446  
447  
448  
449  
450  
451  
452  
453  
454  
455  
456  
457  
458  
459  
460  
461  
462  
463  
464  
465  
466  
467  
468  
469  
470  
471  
472  
473  
474  
475  
476  
477  
478  
479  
480  
481  
482  
483  
484  
485  
486  
487  
488  
489  
490  
491  
492  
493  
494  
495  
496  
497  
498  
499  
500  
501  
502  
503  
504  
505  
506  
507  
508  
509  
510  
511  
512  
513  
514  
515  
516  
517  
518  
519  
520  
521  
522  
523  
524  
525  
526  
527  
528  
529  
530  
531  
532  
533  
534  
535  
536  
537  
538  
539  
540  
541  
542  
543  
544  
545  
546  
547  
548  
549  
550  
551  
552  
553  
554  
555  
556  
557  
558  
559  
560  
561  
562  
563  
564  
565  
566  
567  
568  
569  
570  
571  
572  
573  
574  
575  
576  
577  
578  
579  
580  
581  
582  
583  
584  
585  
586  
587  
588  
589  
590  
591  
592  
593  
594  
595  
596  
597  
598  
599  
600  
601  
602  
603  
604  
605  
606  
607  
608  
609  
610  
611  
612  
613  
614  
615  
616  
617  
618  
619  
620  
621  
622  
623  
624  
625  
626  
627  
628  
629  
630  
631  
632  
633  
634  
635  
636  
637  
638  
639  
640  
641  
642  
643  
644  
645  
646  
647  
648  
649  
650  
651  
652  
653  
654  
655  
656  
657  
658  
659  
660  
661  
662  
663  
664  
665  
666  
667  
668  
669  
670  
671  
672  
673  
674  
675  
676  
677  
678  
679  
680  
681  
682  
683  
684  
685  
686  
687  
688  
689  
690  
691  
692  
693  
694  
695  
696  
697  
698  
699  
700  
701  
702  
703  
704  
705  
706  
707  
708  
709  
710  
711  
712  
713  
714  
715  
716  
717  
718  
719  
720  
721  
722  
723  
724  
725  
726  
727  
728  
729  
730  
731  
732  
733  
734  
735  
736  
737  
738  
739  
740  
741  
742  
743  
744  
745  
746  
747  
748  
749  
750  
751  
752  
753  
754  
755  
756  
757  
758  
759  
760  
761  
762  
763  
764  
765  
766  
767  
768  
769  
770  
771  
772  
773  
774  
775  
776  
777  
778  
779  
780  
781  
782  
783  
784  
785  
786  
787  
788  
789  
790  
791  
792  
793  
794  
795  
796  
797  
798  
799  
800  
801  
802  
803  
804  
805  
806  
807  
808  
809  
810  
811  
812  
813  
814  
815  
816  
817  
818  
819  
820  
821  
822  
823  
824  
825  
826  
827  
828  
829  
830  
831  
832  
833  
834  
835  
836  
837  
838  
839  
840  
841  
842  
843  
844  
845  
846  
847  
848  
849  
850  
851  
852  
853  
854  
855  
856  
857  
858  
859  
860  
861  
862  
863  
864  
865  
866  
867  
868  
869  
870  
871  
872  
873  
874  
875  
876  
877  
878  
879  
880  
881  
882  
883  
884  
885  
886  
887  
888  
889  
890  
891  
892  
893  
894  
895  
896  
897  
898  
899  
900  
901  
902  
903  
904  
905  
906  
907  
908  
909  
910  
911  
912  
913  
914  
915  
916  
917  
918  
919  
920  
921  
922  
923  
924  
925  
926  
927  
928  
929  
930  
931  
932  
933  
934  
935  
936  
937  
938  
939  
940  
941  
942  
943  
944  
945  
946  
947  
948  
949  
950  
951  
952  
953  
954  
955  
956  
957  
958  
959  
960  
961  
962  
963  
964  
965  
966  
967  
968  
969  
970  
971  
972  
973  
974  
975  
976  
977  
978  
979  
980  
981  
982  
983  
984  
985  
986  
987  
988  
989  
990  
991  
992  
993  
994  
995  
996  
997  
998  
999  
1000

Sedimentando essa discussão, ainda buscamos as reflexões de Sposito (2001), ao assinalar dois vetores que norteiam a relação centro-periferia, mesmo que não os reconheça como únicos. A estudiosa menciona os novos padrões de moradia associados às classes média e alta – relacionados a um tipo de segregação. Ressalta, igualmente, os novos mecanismos/estratégias de realização do consumo de mercadorias e serviços, revelando a fragmentação como uma categoria fundamental quanto ao debate relativo à cidade pós-industrial – aquela cidade que, também produto do capitalismo, se realiza sob a industrialização, como espaço de consumo.

Na compreensão de Villaça (2001), os novos padrões de moradia ganham um destaque especial na análise dos espaços intra-urbanos, em meio a diferentes demandas. Ora como uma disputa social por localização, a qual é contornada pela apropriação dos lugares mais “nobres” da cidade, onde o habitar reveste-se de um valor de uso e de um valor de troca, como investimento. Ora como uma disputa pelo controle sobre o tempo de deslocamento das pessoas – um controle que permite uma moradia de maiores dimensões ou um habitar sob apelos mais subjetivos, como modismo e prestígio.

Destaquemos, ainda, os apelos propalados pelos agentes imobiliários, relativos à garantia da conquista de uma melhor “qualidade de vida” na cidade, imprimindo-se aos condomínios e loteamentos fechados, instalados nas áreas periféricas, o signo da segurança ou da incorporação de espaços verdes, mais afastados da “desordem” cotidiana do urbano. Ou signo de uma auto-segregação, ante a convivência com os iguais. Aliás, esses locais de moradia remodelam as áreas em seu entorno, alterando-lhes o conteúdo.

Em tempo, lembramos que tanto Villaça quanto Sposito reconhecem que os contornos que sinalizam a segregação e a fragmentação como categorias de análise dos espaços intra-urbanos são bem abrangentes. Isso porque, a dinâmica urbana também comporta ações de resistência cultural e valores étnico-religiosos, entre outros, sendo estes bastante identificáveis nas diferentes estratégias de vivência nas metrópoles.

No entanto, acreditamos que os vetores destacados – os novos padrões de moradia e as novas estratégias de consumo – já em muito contribuem para pensarmos a produção dos bairros de Tambaú e Manaíra, apresentados como exemplos relativos à realização da policentralidade em João Pessoa. Dessa

forma, entendemos a pertinência de assinalarmos alguns dados arrolados por Vasconcelos Filho (2003), em seus estudos acerca do litoral norte.

De acordo com esse autor, entre os anos de 1980 e 2000, 284 novos edifícios, 1162 casas, 105 lojas comerciais e 21 hotéis foram construídos nesses bairros. Além disso, neles encontramos serviços e equipamentos como mercados públicos, clínicas médicas, agências bancárias, colégios, supermercados, centros empresariais e os maiores *shoppings* da cidade. Comportam, ainda, 42 unidades industriais, 505 comerciais e 577 de serviços. As cinco imobiliárias recortadas para aplicação dos seus questionários de pesquisa apontam esses bairros com uma ocupação perfilada entre a classe média e a classe alta. Esses agentes apostam no aumento de investimentos e no crescimento dessa área, sendo a localização o seu principal atrativo.

Tais informações contribuem para conferir a essa área da cidade uma nova centralidade, a qual, sob a lógica capitalista, configura-se como a mais importante, ante o seu caráter seletivo, atendendo as demandas dos segmentos sociais de maior renda. Uma nova centralidade que, minimizando o tempo de deslocamento, se realiza por meio dos fluxos de pessoas, mercadorias, serviços e capitais; por intermédio de altos padrões de consumo ou da oferta de trabalho nela identificável.

À luz de um capitalismo globalizado, novos ritmos e padrões de produção, circulação e consumo são impressos à sociedade, sobretudo à sociedade urbana. Redesenham-se novas formas de apropriação do/no espaço, evidenciando as contradições inerentes à vida urbana: a luta de classes; os interesses públicos e privados; as diferentes concepções de valor de uso e de troca; as aspirações e necessidades coletivas e individuais.

Claro, essas novas formas não eliminam, simplesmente, as permanências inscritas sob um tempo de longa duração, aquele que, no caso de João Pessoa, remonta à história colonial. Novas e tradicionais formas estão justapostas, interrelacionadas. Entretanto, fora de seus novos fluxos e escolhas, os segmentos mais abastados da cidade não mais vivenciam o centro tradicional, esvaziando-o. Neste centro, temos uma ausência que é não de pessoas, mas de pessoas que têm um grande poder de demarcar as prioridades para toda a cidade. Nesta ausência, a violência – que vem aniquilar a “frágil simbiose centro-classe média e média alta”, marginalizando-o, afirma Villaça (2001: 154).

Isso nós reconhecemos, mas também sabemos que o centro tradicional de João Pessoa continua especialmente voltado ao setor terciário, sendo ainda um local de moradia, de trabalho e de lazer para muitos de nossos concidadãos, notadamente para os segmentos mais populares da cidade. Nesse sentido, a mudança do conteúdo econômico e social desse centro tem promovido uma “degenerescência de seus usos e de seu patrimônio imobiliário que tem, muitas vezes, um valor histórico e simbólico significativo”, conforme ressalta Sposito (2004:375).

No entanto, ele está “vivo”, mesmo que sejamos tentados a percebê-lo a partir da sua “morte”. Não nos esqueçamos que os Três Poderes lá se encontram, bem como algumas paisagens que permanecem compondo a identidade da cidade, como a Lagoa ou o Ponto de Cem Réis – uma praça que ainda se aproxima da Ágora vivenciada pelos gregos.

Entre as tradicionais e emergentes formas, como uma recomendação que lhes serve, lembramos Peter Burke, quando reconhece que, “segundo Braudel, a contribuição especial do historiador às ciências sociais é a consciência de que todas as ‘estruturas’ estão sujeitas a mudanças, mesmo que lentas” (1997: 55).

### **Referências bibliográficas:**

BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CASAL, Aires. Corografia Brasília. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2000. Disponível em <[http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em abr de 2007.

MAIA, Doralice Sátyro. Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa-PB. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. (Tese de Doutorado em Geografia Humana)

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SPOSITO, M. E. Beltrão. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. In: DAMIANI, Amélia et al. (Orgs). O espaço no fim de século: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no estado de São Paulo. 2004. Tese (Livre Docência). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Sujeitos políticos e territorialidades urbanas. In: DAMIANI, Amélia et al. (Orgs). O espaço no fim de século: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 2001.

VASCONCELOS FILHO, João Manoel de. A produção e reprodução do espaço urbano no litoral norte de João Pessoa: a atuação dos agentes imobiliários. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003 (Dissertação de Mestrado em Geografia).

VÍDEOS PARAÍBA. Produção PARAÍ'WA. 1995. Videocassete (25 min) VHS/NTSC, color.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.